

Generosidade, sabedoria, coragem e retidão de Domingos Sávio Alves

Generosity, wisdom, courage and righteousness of Domingos Sávio Alves

Pedro Gabriel Delgado* 



O nome de Domingos Sávio está perenemente ligado ao processo histórico da Reforma psiquiátrica brasileira (RPb), por seu papel decisivo como gestor da política nacional de saúde mental nos anos 1990, e pela enorme influência que exerceu neste campo até os dias atuais. Foi ele o responsável pela construção (liderando um amplo coletivo de profissionais, usuários e familiares) das bases estratégicas e organizacionais da rede de saúde mental do Sistema Único de Saúde (SUS).

Escrevo esta homenagem em uma dupla perspectiva, entrelaçando a lembrança de fatos históricos da RPb, protagonizados por Domingos, com o afeto cálido (embora triste com sua partida) de uma amizade de mais de quarenta e cinco anos. Conheci Domingos como colega no curso de medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no início dos anos 1970. Fizemos parte de um grupo de amigos, que compartilhávamos os desafios do curso médico,

HOMENAGEM DE VIDA

<https://doi.org/10.12957/rep.2024.80437>

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: pedrogabrieldelgado@gmail.com.

Como citar: DELGADO, P. G. G. Generosidade, sabedoria, coragem e retidão de Domingos Sávio Alves. *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 54, pp. 226-232, jan/abr, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2024.80437>

Recebido em 02 de novembro de 2023.

Aprovado para publicação em 06 de novembro de 2023.



© 2024 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

as alegrias da vida de jovens, e a preocupação com os rumos do país asfixiado pela ditadura militar. Domingos estava, com meu irmão Geninho (presidente do Diretório Acadêmico de Medicina) e Jubel Barreto (presidente do Diretório Central dos Estudantes da UFJF), e poucos outros mais, entre os mais ativos na luta contra a ditadura. Foi preso durante uma aula na Faculdade. Ficamos sem notícias precisas dele durante um período; depois foi julgado, junto com seus companheiros, pelo Tribunal da IV Região Militar de Juiz de Fora, foi absolvido e... voltou às aulas. Sereno, bem-humorado, irônico ao relatar sua prisão, sem mostrar abatimento. Sempre admirei esta força e coragem do meu amigo, que o ajudaram também durante o longo e sofrido período de sua doença, muitos anos depois.

Os tempos da Colônia

Durante muito tempo, Domingos dedicou-se à Neurologia, que havia escolhido desde a Faculdade. Fez residência no Instituto de Neurologia da Praia Vermelha, foi médico concursado do antigo INAMPS, e permaneceu ligado à especialidade durante sua vida. Aproximou-se da saúde mental e tomou uma decisão que lhe abriu novos caminhos: foi trabalhar na Colônia Juliano Moreira, no final de 1982, e construiu a partir dali uma sólida trajetória de gestor e líder do campo da RPb. A Colônia dos anos 1980 foi uma escola de formação para inúmeros “quadros” que militaram na mudança do modelo assistencial da psiquiatria pública brasileira. Com 2500 pacientes internados, e tempo médio de internação de 10 anos, nenhum concurso público há décadas, a Colônia era um triste monumento ao fracasso absoluto do modelo asilar.

Gerida pela extinta Divisão Nacional de Saúde Mental (DINSAM), do Ministério da Saúde, iniciou um processo de transformação, sob pressão das denúncias públicas sobre as condições desumanas oferecidas a seus pacientes. Nos anos 1980, realizou-se um grande esforço de humanização de instituições como a Colônia, o Centro Psiquiátrico Pedro II (hoje Instituto Municipal Nise da Silveira), no Rio de Janeiro, Hospital de Juquery, em São Paulo, Hospital São Pedro, em Porto Alegre. Na Colônia, Domingos inicialmente dirigiu o recém-criado Hospital Jurandyr Manfredini, resultado da transformação de um antigo pavilhão de pacientes de longa permanência em um serviço para atender à população de Jacarepaguá. Poucos anos depois, já no processo de redemocratização do país, Domingos tornou-se diretor da Colônia, ajudando a sustentar e avançar o processo de transformação e abertura daquele velho asilo criado em 1924.

Declaração de Caracas e a articulação internacional de apoio à RPb

Em 1990, a Organização Panamericana de Saúde (OPAS), com apoio da Organização Mundial de Saúde (OMS) convocou uma conferência dos países latino-americanos

para debater a transformação do modelo asilar na direção de serviços comunitários de saúde mental. Trata-se da importante conferência que gerou a famosa Declaração de Caracas, um dos documentos estratégicos do processo de reforma psiquiátrica no continente, e que teve eficácia simbólica e política especialmente no Brasil. Entre os representantes brasileiros em Caracas estavam Domingos Sávio, David Capistrano da Costa Filho, à época prefeito de Santos, onde se iniciara, no ano anterior, a intervenção na Clínica Anchieta e a criação da rede de serviços comunitários, os Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS), e o deputado federal Paulo Delgado (PT-MG), o qual, em dezembro de 1989, havia dado entrada, na Câmara dos Deputados, do projeto de lei propondo a “extinção progressiva dos manicômios”. A Conferência foi convocada e presidida por Ithzak Levav, diretor de saúde mental da OPAS, e teve a participação de Benedetto Saraceno, diretor de saúde mental da OMS. Cito aqui estas pessoas para ressaltar os momentos iniciais de uma articulação, agora (1990) mais ampla que a dos anos 1980, de instituições, projetos e utopias que contribuiriam para o avanço da RPB nas décadas seguintes.

Em um breve salto no tempo, resalto que a OPAS e a OMS realizaram no Brasil, em 2005, a conferência “15 anos de Caracas”, cujo documento final, chamado “Princípios de Brasília”, destaca que apenas dois países latino-americanos haviam avançado em seu projeto de transformação do modelo asilar em direção à atenção comunitária após a Conferência de Caracas, sendo eles justamente o Brasil, além do Chile.

A Declaração de Caracas foi um instrumento de combate para os trabalhadores de saúde mental, usuários e familiares, porque afirmava um compromisso do país com a mudança de sua assistência psiquiátrica pública, e tornava claro o apoio dos organismos internacionais da saúde pública, OPAS e OMS, à proposta de reforma.

Fecho este parêntese temporal, para retomar o fio biográfico da contribuição de Domingos para a RPB, voltando ao início dos anos 1990.

Os anos 1990 e o grande debate nacional sobre o projeto de reforma psiquiátrica

Domingos Sávio tornou-se coordenador nacional de saúde mental em 1990. Importante destacar que o tema da saúde mental não tinha o menor prestígio no âmbito do Ministério da Saúde. Domingos coordenou inicialmente uma equipe de três pessoas, mas conseguiu construir pontes na burocracia ministerial, abrindo um espaço cada vez mais amplo para sua área técnica. Seu projeto de intervenção e sua concepção de gestão da política pública logo se tornou visível. Em um país saído do longo período de ditadura civil-militar, que realizara uma magnífica Assembleia Nacional Constituinte e vinha aprovando mudanças no marco legal de diversas políticas (os dois exemplos maiores, de

1990, são a regulamentação do SUS e o Estatuto da Criança e Adolescente), Domingos percebeu que lhe cabia reunir as aspirações por mudança representadas pelos movimentos sociais, conquistando pouco a pouco, no âmbito da gestão pública, a institucionalidade daquelas propostas de mudança.

Assim, iniciou a publicação das “Portarias do Ministério da Saúde”, começando por um documento de grande valor histórico sobre a mudança normativa, que é a Portaria 224/1991, que introduziu, em um edifício normativo estritamente hospitalocêntrico, os serviços comunitários “Oficinas terapêuticas” e reconhecendo formalmente a existência dos, à época, raros “Naps” e “Caps”. Além disso, fez um enorme esforço de convocação de aliados para aprovar o Plano de Apoio à Desinstitucionalização (PAD), recusado pelo Ministério da Saúde da época, mas que se tornou o embrião do Programa de Volta para Casa, implantado finalmente em 2003.

A meu ver, o mais extraordinário feito político do gestor Domingos Sávio foi propiciar que o debate público sobre a RPb – extremamente aquecido nos anos 1990, em torno da aprovação da lei Paulo Delgado, que tramitou durante 12 anos no Congresso nacional – fosse acolhido, legitimado e fortalecido pelas instâncias de gestão do SUS. Assim, ao conseguir aprovar a realização da II Conferência Nacional de Saúde Mental (CNSM), em 1992, Domingos foi o protagonista de um momento-síntese, pois presidiu uma ágora de grande ressonância em todos os cantos de um país continental. As Conferências Nacionais, criadas pela lei 8192/1990, do SUS, tiveram importância decisiva para permitir o debate de ideias e propostas, construir alianças, estabelecer compromissos políticos e éticos do Estado (Ministério e Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde) com as deliberações aprovadas em gigantescas plenárias de mais de mil pessoas. Na CNSM de 1992, 200 dos mil delegados eram usuários ou familiares ligados aos novos serviços de base comunitária. A proposta de substituição do modelo hospitalocêntrico pela saúde mental comunitária (termos constantes do relatório final) foi aprovada e desdobrada em diversas propostas de intervenção e inovação.

Destaco a II Conferência porque, a meu ver, ela ilustra bem o modo de atuar e a liderança de Domingos como gestor público. Ainda nos anos 1990, ele foi sucedido na coordenação nacional pelos integrantes de sua equipe, Alfredo Schechtman e Eliane Seidel, e depois por Ana Pitta. A marca da gestão na área de saúde mental do Ministério da Saúde foi a continuidade, destacando-se a presença constante de Domingos como o principal mentor da política neste período de construção e consolidação da RPb no plano do Estado brasileiro.

A aprovação da lei 10216, em abril de 2001, e a III Conferência Nacional de Saúde Mental, em dezembro do mesmo ano, vieram permitir o aprofundamento e aceleração das propostas e conquistas construídas neste período, de 1990 a 2000, sob a liderança firme e unanimemente reconhecida de Domingos Sávio.

A palavra serena e sábia, e o otimismo na política como método

O período de 2001 a 2015 foi de grandes avanços na RPb, tanto no plano da gestão pública como nos âmbitos do debate político, mobilização social e referencial epistemológico. Consolidou-se o conceito de “campo da atenção psicossocial”, surgido no Brasil justamente na segunda metade da década de 1990, e a mobilização em torno da consígnia da Sociedade Sem Manicômios (adotada pelo Movimento de Trabalhadores de Saúde Mental, no Congresso de Bauru, em 1987, por influência da tradição da Rede Internacional de Alternativas à Psiquiatria). O ciclo de governos democrático-populares de 2003 a 2016 (interrompido com o golpe de abril de 2016) fez avançar o SUS como política pública e ampliou o espaço de gestão da saúde mental, com implantação de 2700 serviços comunitários públicos, 600 residências terapêuticas e diversos outros avanços concretos, que ajudaram a mudar o cenário da saúde mental brasileira, consolidando as propostas oriundas do período dos anos 1990, nos quais Domingos Sávio teve papel central.

Destaco a continuidade estratégica e política das diversas coordenações de saúde mental do Ministério da Saúde, desde a entrada de Domingos Sávio em 1990, como um legado do próprio Domingos, que sempre foi o ponto de referência para a sustentação de uma estratégia de ampliação do espaço político da saúde mental na gestão do SUS. Com estilos, origens, contextos de formação e visões de mundo diversos, os coordenadores de saúde do Ministério, entre 1990 e 2015 (Domingos Sávio, Alfredo Schechtman, Eliane Seidel, Ana Pitta, Pedro Gabriel Delgado e Roberto Tykanori) lideraram processos de avanço da RPb que sustentaram uma coerência clara com as premissas políticas e éticas da desinstitucionalização, protagonismo e autonomia dos usuários de serviços, integração intra- e intersetorial, e cuidado em liberdade. A partir de 2001, a gestão pública de saúde mental, sob a égide normativa da lei 10.216, pôde consolidar-se no plano institucional. Tendo sido eu próprio um desses coordenadores nacionais, considero que a influência de Domingos assegurou uma espécie de linha-mestra estratégica em todo o processo (que só foi interrompida quando a própria democracia ruiu em 2016).

Após sua saída da gestão ministerial, Domingos continuou sendo uma figura-chave na formulação de políticas, gestão de crises e análise de situações, sendo interlocutor regular dos inúmeros gestores e militantes do campo da saúde mental dos vários estados do país. Era sempre consultado, participava de seminários e debates, serenava os ânimos dos companheiros no calor de controvérsias. Sempre foi um otimista na política, exceto, naturalmente, a partir do golpe de 2016, que pariu o contexto de devastação ético-política e fascismo que marcou o país até o final de 2022.

A descontinuidade brutal de várias políticas públicas entre 2016 e 2022 vai sendo enfrentada agora, com um esforço de reconstrução iniciado desde a derrota da extrema-direita nas eleições de outubro de 2022, e a posse do governo Lula em janeiro.

Uma nova gestão do Ministério da Saúde assumiu (sobre os escombros da tragédia sanitária da pandemia, acentuada pelo negacionismo e a irresponsabilidade). A coordenação de saúde mental amplia seu espaço na estrutura do Ministério, e a nova gestora nacional de saúde mental, Sônia Barros, anuncia que a V Conferência Nacional de Saúde Mental terá o nome de Domingos Sávio, como um reconhecimento e uma insígnia da resistência do movimento da reforma e da retomada dos seus pressupostos éticos, teóricos e políticos.

O legado do Instituto Franco Basaglia

Domingos presidiu o Instituto Franco Basaglia (IFB), uma organização civil de defesa dos direitos do usuário de serviços, durante mais de 10 anos, enfrentando inúmeras dificuldades e desafios, e chamando a si a responsabilidade pela boa condução do processo de encerramento daquela instituição. O legado do IFB para a saúde mental nos municípios do Rio de Janeiro e Niterói é extraordinário, pois contribuiu para a implantação e consolidação de serviços territoriais (Caps) em contexto de grandes dificuldades. Além disso, fica o legado do IFB como agenciador potente de iniciativas de promoção dos direitos do paciente e de atividades culturais, como o Bloco Carnavalesco Tá Pirando, Pirado, Pirou (em colaboração com o Instituto Philippe Pinel e IPUB), para citar apenas o exemplo mais famoso. A serenidade e coragem de Domingos foram fundamentais para a construção da história do IFB, que encerrou suas atividades há alguns anos. É justo lembrar que a capacidade de reunir e agregar solidariedade permitiu a Domingos contar, no IFB, com a dedicação de pessoas valiosas como Lisete Vaz, Ruth Mylius Rocha, Sérgio Levcovitz e Neli de Almeida.

As limitações físicas que acompanharam a vida de Domingos não o impediram de exercer sempre suas virtudes de generosidade, atenção ao outro, argúcia na análise de contextos adversos da RPb e uma valorização extrema da amizade.

Homenagem e lembrança do amigo

Drummond disse em um aforismo prosaico que a amizade é como as plantas, que não devem ser muito nem pouco regadas. Fui amigo do Domingos Sávio durante quase 50 anos, e acompanhei de perto sua trajetória no campo da saúde mental e sua vida. Conheci de perto sua família e amigos de Piedade do Rio Grande, a pequena cidade nas montanhas do Campo das Vertentes em Minas Gerais. Caminhamos a mesma “estrada de Minas pedregosa” e adotamos o Rio de Janeiro como nossa cidade. Temos inúmeros amigos em comum. Enfrentamos muitas lutas ombro a ombro. Nossas famílias são amigas, e um grande afeto circula entre todas as pessoas de seu círculo.

Durante muitos anos, meu amigo sofreu os danos físicos e emocionais de uma doença progressiva e incurável. Enfrentou heroicamente esta sina, sempre com estoicismo e coragem. Era um estoico. Era igualmente uma pessoa amorosa, alegre, com uma ironia suave e fraterna ao falar dos dissabores e se referir a alguma característica de amigos comuns. Cultivava seus amigos, seguindo a recomendação prosaica de Drummond: nem sequidão, nem água em excesso. Sua enorme liderança entre os trabalhadores da saúde mental se deve a sua gentileza com todos, sua inteligência, mas especialmente à sua generosidade em escutar e compartilhar o que a experiência lhe ensinara.

Nutria uma ligação comovente com seus familiares de Minas, seus amigos, e especialmente com sua mulher Regina e seu filho Bernardo. Quando suas limitações físicas passaram a impedir seu deslocamento a outras cidades, comparecia a reuniões e seminários através de vídeos gravados com esmero em sua casa, e parecia (como no encontro 20 Anos de Bauru) que ele estava mesmo presente ali conosco. Lembrei-me especialmente deste vídeo, porque o assisti ao lado de nosso companheiro comum, Antonio Lancetti, que comentou: “ele está dando uma aula!”. Uma aula sobre a sabedoria necessária para enfrentar os desafios da Reforma. Uma lição, oriunda da experiência e da generosidade em compartilhá-la.

Agradeço à revista *Em Pauta*, através de Mônica César, pelo convite para escrever esta homenagem de vida ao Domingos Sávio do Nascimento Alves. Percebo que não consegui fugir de algumas veredas autoetnográficas, por minha admiração pessoal e ligação de afeto com o homenageado. Tenho pensado que a trajetória pública de Domingos Sávio deveria ser mais conhecida pelas novas gerações do campo da saúde mental. São jovens que defendem a Reforma, a luta antimanicomial e o cuidado em liberdade, e vão assegurar sua continuidade, em cenários diferentes. A História é mudança contínua, mas não se faz sem referências e memória. Estamos em um novo tempo, com novos desafios e dificuldades. Domingos Sávio nos inspira.

Para Regina e Bernardo